
O Preconceito Étnico-Racial nas Letras de Rap e Samba: a nossa Guerra é Fazer Poesia

Enis Mazzuco (MSc.)

Professora/orientadora da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, psicóloga, mestre em sociologia política

Juliana Maestri Machado

Psicóloga

Raiana Letícia de Melo

Psicóloga

Resumo

Este artigo visa discutir como o preconceito étnico-racial é retratado nas letras de rap e de samba no Brasil. Para tanto, foi realizada uma síntese histórica sobre os conceitos de preconceito, preconceito étnico-racial, estigma e discriminação no Brasil. Pontuamos também a música como uma forma de comunicação e de linguagem, além de abordar os estilos musicais rap e samba. A pesquisa partiu de um estudo qualitativo de cunho bibliográfico e foi realizada a partir da análise documental de 08 (oito) letras de músicas, sendo 05 (cinco) de rap e 03 (três) de samba, escritas entre a década de 1980 até o momento atual. Os dados foram organizados de acordo com a análise de conteúdo, e a partir dessa foram criadas 02 (duas) categorias: preconceito e protesto e estereótipo e estigma. Buscou-se, a partir dessas categorias, investigar as letras que exaltem a cultura negra e/ou o combate ao preconceito étnico-racial, destacando diferenças e semelhanças entre o rap e o samba quanto às formas desse tipo de preconceito no Brasil. Constatamos que existem mais semelhanças entre o rap e o samba do que imaginado *a priori*, sendo que ambos os estilos exaltam a figura do negro, bem como utilizam um discurso de protesto contra o preconceito étnico-racial, discriminação e segregação. Além disso, as letras de rap e samba, constituem um espaço de troca de experiências, de afetos, de vivências e de elaboração de estratégias de enfrentamento do racismo e do preconceito com o negro no Brasil.

Palavras-chave: Preconceito. Preconceito étnico-racial. Música. Rap. Samba.

Abstract

This research aims at discussing how the ethnic and racial prejudice is shown in the lyrics of rap and samba in Brazil. For that, a historical overview of the concepts of prejudice, ethnic and racial prejudice, stigma, and discrimination in Brazil was held; we also highlight music as a form of communication and language, and the main characteristics of musical styles rap and samba. This work started from a qualitative-bibliographical research, and it was analyzing 08 (eight) lyrics – five (05) of Rap, and three (03) of Samba—, written from the 1980's to the present day. The data were organized according to their content analysis, and two (02) categories were created: protest/prejudice, and stereotype/stigma. Starting from these categories, we investigated the lyrics which exalt the black culture and / or the fight against ethnic and racial prejudice, highlighting differences and similarities between rap and samba with regard to these kinds of prejudice in Brazil. We note that there are more similarities between rap and samba than we imagined before, and both styles exalt the figure of the black people and use a protest discourse in their lyrics against the ethnic and racial prejudice, discrimination and segregation. Moreover, the lyrics of rap and samba can be understood to provide exchange experiences, of affection, life experiences, as well as they can become a tool for elaboration of strategies to combat racism and prejudice against black people in Brazil.

Keywords: Prejudice. Prejudice ethnic-racial. Music. Rap. Samba.

Introdução

Dona Ivone Lara canta “um sorriso negro, um abraço negro traz... felicidade”. Com um olhar diferente, os Racionais Mc’s apontam que o negro é drama “cabelo crespo e a pele escura, a ferida, a chaga à procura da cura”.

A temática que está sendo discutida no presente artigo, tem como base o preconceito étnico-racial em relação ao negro no Brasil, pois apesar de possuir um histórico de longa data no nosso país (assim como em vários outros), esse fenômeno se faz presente constantemente na mídia e nos relacionamentos interpessoais. Segundo Lima e Vala (2004) existem vários tipos de preconceito (contra mulheres, homossexuais, velhos, etc.). O denominado preconceito racial ou preconceito étnico é aquele que se aponta a grupos definidos por características físicas ou fenotípicas geralmente herdadas. O preconceito está mais relacionado com uma atitude, antipatia, desvalorização (sentida ou expressa) em relação a um

indivíduo e/ou grupo social, ao passo que o racismo vai além de uma atitude, pois se constitui “num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social” (Lima & Vala, 2004, p. 402).

Se considerarmos essa definição de preconceito étnico-racial, e se partirmos do princípio de que nas relações sociais se constituem conflitos que marcam a vida de vários sujeitos gerando sofrimento, podemos entender então que todo fenômeno que integra esse tipo de preconceito pode ser visto como um destes problemas em nosso país.

Atualmente é possível ver através da mídia a repercussão deste tema pelo viés de quem pratica esse tipo de violência e pelo viés de quem se sente afetado por atos que tem como fundamento o preconceito étnico-racial. O preconceito, portanto, seja ele manifestado de maneira direta ou indireta pode trazer consequências drásticas na vida dessas pessoas.

Um exemplo concreto e que teve grande repercussão na mídia e no Brasil, pode ser visto através da fala de Mário Lúcio Duarte Costa – um negro –, popularmente conhecido como Aranha (goleiro de futebol) que se sentiu ofendido ao ser chamado de macaco durante uma partida de futebol por torcedores de um time na cidade de Porto Alegre, no ano de 2014. Decorrente deste fato, em agosto do mesmo ano numa entrevista

dada a um programa de televisão, o goleiro Aranha disse que teve a felicidade de aprender a enfrentar o preconceito ouvindo rap e que este estilo narra aquilo que está na realidade. Logo, identificamos a música como um exemplo de um meio de comunicação e de linguagem e isto pode ser exemplificado através dos sujeitos que se identificam com o som de um estilo musical em comum. Percebemos também que determinadas músicas são interpretadas e apontadas como componentes da e de comunicação no interior de um grupo social específico. Neste sentido, a música possui a característica de unir sujeitos e, por conseguinte, estimular a discussão sobre várias temáticas.

Conforme exemplificado acima, o preconceito étnico-racial se perpetua na sociedade brasileira, tendo como face inúmeros atos cotidianos, falas, gestos e olhares. O tema é representado em diversos estilos musicais, porém destaca-se nessa pesquisa nossa escolha pelo rap e pelo samba, pois levamos em consideração que esses estilos trazem, em muitas de suas letras, as características de uma cultura negra, retratando esta realidade através do canto. O rap vai além de um gênero musical de cultura negra, dado que suas letras frisam a identidade negra e que a maior parte dos cantores de rap, bem como ouvintes, são negros. E o samba, por sua vez, identifica uma cultura negra representada na cena musical por um Brasil mestiço. É dentro desta

perspectiva que esse estudo se propôs a discutir sobre a seguinte questão: Como o preconceito étnico-racial é retratado nas letras do rap e do samba no Brasil? Mas, além disso, investigar também as letras que exaltem a cultura negra e/ou o combate ao preconceito étnico-racial, destacando diferenças e semelhanças entre o rap e o samba quanto às formas do preconceito.

Para tanto utilizamos letras criadas entre a década de 80 e o momento atual. E a partir delas foi realizada uma leitura dos seus conteúdos e construídas 2 categorias de análise: preconceito e protesto; e estereótipo e estigma.

Preconceito étnico-racial, estigma e discriminação no Brasil

Iniciamos a discussão sobre o preconceito a partir da definição etiológica da palavra preconceito. De acordo com o dicionário Aurélio o preconceito é uma “ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial; é uma opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos¹. Suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.” (2012, p. 605).

No entanto, a definição do dicionário não é suficiente para nos ajudar a discutir profundamente a temática do preconceito. Entre outros autores que

trabalham a etiologia do conceito de preconceito, Silva (2003) nos mostra que o preconceito é um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos negativos que são atribuídos a determinados grupos sociais decorrentes de uma diferença desqualificada culturalmente. Para Bandeira e Batista (2002), o preconceito é uma atribuição social de um valor negativo à diferença do outro. Essa diferença pode ser relacionada a traços físicos, deficiência física, etnia, sexualidade, gênero, classe social, entre outros. As autoras Bandeira e Batista (2002), ressaltam que o preconceito é um fenômeno que gera a discriminação, desigualdade e exclusão, possibilitando assim, a violência.

Na dinâmica das relações sociais há uma aproximação entre preconceito e estigma. Segundo Goffman (1988, p.12-13), uma característica observável que diferencia um sujeito de outro pode ser encarada como “um sinal visível de uma falha oculta, iniquidade ou torpeza moral proporcionando ao indivíduo sinal de aflição ou motivo de vergonha”. Com base nesta reflexão é possível perceber que o possuidor de uma característica diferenciada e observável – como sugere Goffman – torna-se mais vulnerável à estigmatização e ao preconceito.

Apesar de preconceito e estigma partirem de um ponto comum, a cultura, eles se diferem na sociedade. Existe o preconceito e existe o preconceituoso que

toma essa ideia para si, como verdade. Vale citar que nem todas as pessoas que são vítimas de certo preconceito se tornam indivíduos estigmatizados. Ora, o estigma é a incorporação de uma ideia, algo que jaz inscrito no sujeito, “destinado”, e que pode tornar-se naturalizada. É como um discurso latente e construído socialmente que só se tornará um estigma através de um processo de introjeção ao longo da vida do sujeito.

Tratando-se agora apenas do preconceito, é importante compreender que este pode ser reduzido a processos automáticos, individuais, psicológicos, e relativos às lutas sociais pelo poder. Desta forma, o preconceito pode ser analisado tanto como causa, quanto como consequência dos agrupamentos sociais (Fernandes, Costa, Camino, & Mendoza, 2007).

Visto a etiologia e o significado de preconceito, nesta pesquisa abordamos a tipologia do preconceito étnico-racial. Apesar de alguns teóricos considerarem o conceito raça sobrecarregado de ideologia, e outros rejeitarem até mesmo a distinção entre “raça” e “etnia”, preferindo falar apenas de “etnia”, cabe destacar que neste estudo utilizaremos ambas as formas.

No que se refere ao racismo, Silva (2003) aborda essa questão entendendo que o mesmo é um preconceito contra uma determinada raça. De acordo

com Azevedo (1987, p. 29) “a falsa ideologia da ‘raça pura’ nasceu da necessidade política de autoglorificação de certos povos. Um pouco de conhecimento da história biossocial da espécie humana é suficiente para demonstrar que raça pura é um mito”.

Vale mencionar a diferença entre o conceito de raça e de etnia, a qual a “grosso modo, raça deveria ser um conceito biológico, enquanto etnia deveria ser um conceito cultural” (Oliveira, 2004, p. 58). No entanto, a autora desmistifica tais diferenças, uma vez que raça não é uma categoria apenas biológica, e etnia não é completamente cultural. Enfim, considera-se a simultaneidade de propriedades somáticas: aparência física, linguística e cultural. “Portanto, o uso dos termos raça ou etnia está circunscrito à destinação política que se pretende dar a eles” (Oliveira, 2004, p. 58).

Ora, tratando-se do preconceito étnico-racial ligado aos negros, este persiste como forma de escravidão moderna, que marca o ser humano na sua essência, impedindo-os de compartilhar dos bens sociais para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Nesse sentido, para compreender o preconceito étnico-racial no Brasil contemporâneo, é necessário remontar à sua história, a um Brasil colonial e imperial (Silva, 2009). Conforme Rodrigues (2005, p.38) “no Brasil as identidades raciais e as correspondentes

heranças culturais convivem em relações desiguais, por um lado remanescentes do período colonial, e por outro lado realimentadas cotidianamente pelo racismo”. Com esta afirmação é possível confirmar que embora a questão racial impere desde o período do Brasil Colônia, a questão racial vem sendo revivida diariamente no nosso país, reforçando o preconceito.

No caso do Brasil, o preconceito contra os negros ocorreu a partir de sua entrada em nosso país através da exploração da mão de obra escrava. Após sua libertação, os negros ficaram à mercê da sociedade predominantemente branca, em busca de uma identidade própria (Silva, 2003).

Sim, grande parte da questão racial no Brasil diz respeito ao negro, como etnia e categoria social, como a mais numerosa “raça”, no sentido de categoria criada socialmente, na trama das relações sociais desiguais, no jogo das forças sociais, como as quais se reiteram e desenvolvem hierarquias, desigualdades e alienações (Ianni, 2004, apud Silva, 2009, p. 195).

Assim, Silva (2009) cita os aspectos destacados por Ianni (2004) nos quais o negro é identificado como força escrava de trabalho; a formação e o desenvolvimento de grupos/castas; mitos cruéis criados pela elite dominante; e a “longa história de alienação e a ideologia racial evasiva que se consolidou na sociedade brasileira em vários setores” (Silva 2009, p. 195).

Música

A música compõe a vida da sociedade contemporânea contribuindo para expressão artística, e detém um caráter simbólico que parece diluir fronteiras sociais ao que se refere aos aspectos relacionados à construção de visão de mundo (Coelho & Coelho, 2013). Corroborando com essa ideia é que se identifica na música além de um hábito cultural, um instrumento de análise que cria e representa realidades. “A música seria o elemento exclusivo ou determinante na produção do sentido (ou sentidos), mas que, sem ela, a análise dessas práticas teria que se fragmentar em domínios isolados” (Cambria, 2006, p. 83).

De acordo com Moraes (2000), a música e todo seu contexto sonoro estão presentes no dia a dia de tal maneira que muitas vezes não se toma consciência das letras e do que elas têm a dizer.

Além disso, a canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação “principalmente quando se difunde pelo universo urbano, alcançando ampla dimensão da realidade social” (Moraes, 2000, p. 204).

Pode-se identificar a música como meio de comunicação, pois determinadas músicas são interpretadas e apontadas como componentes da comunicação dentro de um grupo social específico. De

acordo com Cambria (2006), um aspecto fundamental da música é seu desempenho de unir sujeitos, ou seja, “têm a capacidade de juntar as pessoas, de criar grupos. Sendo assim, representam atividades privilegiadas na construção e definição de identidades coletivas” (Cambria, 2006, p. 91).

Além de identificar a música como comunicação é possível qualificá-la como forma de linguagem, isto porque a música carrega um significado e um contexto social no qual está inserida. Desta forma ela possibilita aos sujeitos a construção de sentidos tanto coletivos, quanto singulares (Maheirie, 2003).

Além de a música ser considerada linguagem e, por conseguinte produzir sentidos, é também compreendida como expressão do pensamento afetivo, “posto que revela e traduz uma época, um fato, ou outro objeto qualquer, de forma que é possível afirmar que seu aspecto crucial é como afirma Vygotsky (1970/1998), sua capacidade em compreender pelo coração” (Maheirie, 2003, p. 150). Por expressar e despertar a afetividade, bem como a reflexão, a música parece alterar a forma como o sujeito significa o mundo que o cerca. Sob esta ótica, é possível dizer que a “música é uma linguagem reflexivo afetiva, já que envolve um tipo de reflexão que se faz possível por meio de determinado tipo de reflexão” (Maheirie, 2003, p. 152).

Vale salientar que Moraes (2000) ressalta a música como um rico objeto de conhecimento tanto para a área artística, social, histórica, cultural como para a científica, ressaltando a coragem e a importância de se trabalhar a música como fonte documental. Bakhtin (1999) contribui citando que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (1999, p. 113).

Deste modo, é possível buscar na linguagem musical, mais precisamente nas letras das músicas um vasto conteúdo documental composto por signos, sentidos, ideologias, aspectos culturais, artísticos, referenciais e reais. Moraes (2000) colabora com essa ideia ao revelar três aspectos para reflexão daquele que pretende trabalhar com a música: a linguagem que a música apresenta; a visão de mundo que incorpora e traduz; e a perspectiva social e histórica que constrói. Enfatizando que “é bem provável que as canções possam esclarecer muitas coisas na história contemporânea que às vezes se supõem mortas ou perdidas na memória coletiva” (Moraes, 2000, p. 212).

Neste sentido, é possível estudar alguns fenômenos sociais inclusive o preconceito étnico-racial no Brasil por meio da música. Pois, como visto, a música pode ser considerada como comunicação artística, linguagem, signos e expressão de uma cultura. Alguns estilos musicais possibilitam melhor a discussão deste tema, como por exemplo, o rap e o samba, por tratar

o tema em questão também como forma de protesto, resistência e menção da cultura negra.

Rap e samba

Na década de 30, contrariando os adeptos da teoria do branqueamento e se afastando da ideia de Brasil colônia com costumes europeus, nosso país começa a ser identificado como um lugar também de mestiços e negros, “cujas imagens mais emblemáticas são o samba, o carnaval e o futebol”, perdurando até o presente momento. Essas imagens passam a constar no imaginário popular mais do que os símbolos cívicos, como: o hino nacional, a bandeira e os heróis oficiais/ nacionais (Guimarães, p. 11).

Porém, este fator não foi o suficiente para o fim da discriminação e integração do negro na sociedade, “apenas sua produção cultural é destacada do seu meio produtor e apenas na imagem do sambista havia a possibilidade de inclusão na identificação do Brasil” (Guimarães, 1998, p. 57).

Entretanto, por mais que fortalecidos os elementos da cultura popular, o preconceito sofrido pelas comunidades produtoras dessa cultura (negros e mestiços) não diminuíra. Por volta da década de 30, o carnaval passou a ser considerado como o grande

responsável pela consolidação do samba como a música que representa o Brasil (Guimarães, 1998).

Por mais que os sambistas, compositores, cantores de samba fossem os negros e os mestiços, a valorização do samba (ritmo indelevelmente negro) não significou valorizar este grupo social. A partir dos anos 30 uma classe média branca passou a produzir samba, “ainda que os temas das letras (...) passem a falar de uma outra realidade, que não a do negro pobre, favelado, etc., a sua ligação com a cultura negra fica evidente através do ritmo, o qual não oculta a sua ligação com os batuques das senzalas” (Guimarães, 1998, p. 52).

O samba vai sendo descaracterizado de música negra e música de senzala, transformando-se em identificador de uma cultura e de uma identidade nacional, sendo o carnaval um dos grandes responsáveis por sua divulgação (Guimarães, 1998). É importante citar que, o samba ao ser visto por alguns teóricos como uma representação da alma do Brasil, passa a ser um som sincrético e mestiço, ou seja, fruto de todas as raças e culturas.

O rap também se enquadra nos estilos musicais que retratam a cultura negra. A expressão Rap significa “*rhythm and poetry*”, ou seja, ritmo e poesia. Ele surgiu nos EUA na década de 70 sob a forma de narrativa da vida dos negros e de outros grupos discriminados da sociedade, como os latinos e todos aqueles oriundos da

periferia. Além do mais, o discurso falado de suas letras remonta à cultura africana de relatos orais, o que sugere a África como a gênese desse estilo musical. Neste sentido, “a estrutura musical do rap o torna uma possibilidade de música a ser produzida por jovens sem recursos financeiros, pelo fato de que não é necessário ter nem saber tocar nenhum tipo de instrumento” (Guimarães, 1998, p. 155).

Por ter uma característica de “dar um toque”; um conselho, as letras do rap impressionam de início com a “realidade de suas letras, nas quais narram a dura vida de quem é negro e pobre, denunciando o racismo e o sistema capitalista opressor que patrocina a miséria que está automaticamente ligada com a violência e o crime” (Guimarães, 1998, p. 158).

Silva (2012) cita em seu estudo o processo de visibilidade do rap em bairros periféricos de São Paulo-SP devido a diversas práticas de violação aos direitos humanos nestes bairros (em meados de 1980-1990). Desde então, os *rappers* vêm utilizando a música como um instrumento de combate ao racismo e à violência policial contra os negros (mais especificamente na década de 1990). É relevante citar que, os jovens eram os principais alvos, e os homicídios aconteciam em via pública (ruas, praça), mais especificamente no período da noite. Os ocorridos causavam medo à população que, conseqüentemente evitava frequentar esses locais neste turno.

Ao relacionar rap e samba, é interessante perceber que a realidade do rap não aparece idealizada, como ocorria com o samba. Por esta razão, é possível destacar que o samba “foi a crônica dos morros e subúrbios dos anos 30/40, (e) o rap é a crônica nua e crua dos anos 80/90 das periferias dos grandes centros urbanos” (Guimarães, 1998, p. 160). A diferença do rap para outros estilos musicais está nas longas letras, pois o rap “fala”. Assim sendo, o rap se torna uma construção de identidade, demonstrando a consciência da violência praticada contra a população negra em toda a história (Guimarães, 1998).

É importante ressaltar que embora o rap e o samba possuam ritmos, melodias e características musicais diferentes eles possuem um atributo em comum: são oriundos de uma cultura negra.

Método

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo de cunho bibliográfico e foi realizada a partir da análise documental de 08 (oito) letras de músicas, sendo 05 (cinco) letras de rap e 03 (três) de samba, no período de maio e junho do ano de 2015. Os critérios para seleção das letras tiveram como base que as mesmas fossem nacionais e de composição da década de 80 até os dias atuais, além de terem em seu

conteúdo a temática do preconceito étnico-racial. Vale citar que as letras selecionadas foram pesquisadas na ferramenta de busca do *google* partindo das expressões: música, preconceito, rap, samba, letras de música sobre preconceito racial samba e rap, assim como na discografia de cada cantor/banda.

Para melhor compreensão das letras foi realizada a priori uma análise do conteúdo geral de cada uma das 08 (a música como um todo), construindo a ideia principal de cada canção. Posteriormente elencamos trechos de cada letra que indicassem fatores relacionados ao preconceito étnico-racial. Lembramos também que a análise documental apesar de pouco utilizada na pesquisa qualitativa, é uma boa fonte de informação, podendo aliar-se a outras técnicas de coleta e também ser completada ou evidenciada com fatos recentes. São considerados como objeto de pesquisa documental os seguintes documentos: os oficiais, que se referem a leis e regulamentos; os documentos pessoais, como por exemplo, cartas, diários e autobiografias; e por fim, os documentos públicos, como jornais, revistas, livros, discursos (Victoria, Knauth & Hassen, 2000). Os documentos públicos, por sua vez foram os materiais de coleta de dados e análise utilizados nesta pesquisa.

A partir dos trechos selecionados, identificamos as categorias para análise, a saber: preconceito e protesto e estereótipo e estigma. Desta forma, o método

de epistemologia qualitativa possibilitou ampliar a compreensão dos discursos apresentados nas letras de música, respeitando assim as particularidades de cada composição.

Análise de dados

A partir das letras de músicas selecionadas, nos propomos a analisar algumas categorias que delas emergiram, a fim de trabalhar o objetivo principal desta pesquisa que foi discutir como o preconceito étnico-racial é retratado nas letras do rap e do samba no Brasil, bem como investigar aquelas que exaltassem a cultura negra e/ou o combate ao preconceito étnico-racial, destacando diferenças e semelhanças entre o rap e o samba quanto às formas do preconceito.

Para melhor compreensão acerca das letras, abaixo apresentamos as que foram selecionadas e uma análise geral de cada uma como um todo. Já para a análise das categorias (abaixo) foram feitos recortes das letras no intuito de relacioná-las com os objetivos propostos pela pesquisa.

Samba 01: “Negro de verdade” (1996) de Bezerra da Silva, esta letra remete ao protesto e cansaço contra o preconceito étnico/racial e discriminação. **Samba 02:** “Preto, cor preta” (2000) de Jorge Aragão,

demonstra uma reafirmação da identidade negra, estando o preconceito latente e exaltando a cor preta. **Samba 03:** “Preconceito” (1989) de Emílio Santiago, a música retrata a existência do preconceito étnico/racial, bem como a exaltação da cor negra. **Rap 01:** “Racismo É Burrice” (2003) de Gabriel O Pensador, retrata um protesto contra o preconceito, racismo, discriminação. Justifica o preconceito por meio de estereótipos construídos socialmente no decorrer da história nacional. **Rap 02:** “Negro Drama” (2002) dos Racionais Mc’s, a música retrata uma realidade difícil, como exemplifica o título: o drama de ser negro. **Rap 03:** “Só Deus Pode Me Julgar” (2002) do MV Bill, traz uma realidade difícil; faz apologia à política brasileira suja e corrupta. Faz uma relação com a fé, afirmando que só Deus pode julgar. **Rap 04:** “Côr” (1993) da Facção Central, a letra retrata um claro protesto contra o preconceito étnico/racial e discute o direito por igualdade independente da cor. **Rap 05:** “Cê lá faz ideia” (2010) do Emicida, a música transmite a mensagem de uma realidade difícil vivida pelo negro, associada à pobreza e os estereótipos.

Preconceito e protesto

Ao analisar as letras de músicas identificamos o preconceito tanto da sociedade perante o negro, quanto

do negro com ele mesmo. Alguns trechos abaixo nos parecem demonstrar isso:

Sente o drama, o preço, a cobrança, no amor, no ódio, a insana vingança (Rap 02).

Preto que tem resolvida sua cor, não tem que se impor, nem que se curvar (Samba 02).

Perdi a conta de quantos escondem a bolsa se digo: “que horas são?” (Rap 05).

Você diz a toda gente

que eu sou moreno demais [...] Meu samba vai, diz a ela, que o coração não tem cor (Samba 03).

Percebemos que o preconceito parte da sociedade, o que se pode atribuir à relação social, cultural e histórica do negro no Brasil. Desta forma muitos indivíduos se esquecem da alteridade, o que por vezes pode levar à diminuição e violência contra o negro através de atitudes discriminatórias e preconceituosas. “Fanon irá falar que a condição do sujeito negro é singular, porque ele está tanto cultural quanto historicamente em uma posição de inferioridade e sujeição ao colonizador branco” (Kawahala & Vivar Y Soler, 2010, p. 408).

Além do preconceito advindo da sociedade vimos que o mesmo aparece do negro para com ele mesmo, devido sua atribuição identitária, sua autoidentificação

com os estereótipos sociais de inferioridade, e também na forma de autonegação. Nesse sentido, Machado (2007) cita que o preconceito é também uma característica individual e psicológica que constitui os indivíduos no contato com a cultura e socialização nas quais se está inserido.

Portanto, entendemos que é possível que o negro ressignifique a visão de negritude rechaçada, representativa e estereotipada que a história lhe concedeu, considerando-o como sujeito de ação. Porém, esta não é uma tarefa fácil ao considerarmos o preconceito como construção histórica e social; uma relação dialética da sociedade para com o negro e do negro com ele mesmo.

De fato o preconceito é uma representação, uma construção. Visto por este viés, a desconstrução também é possível, ou seja, compreender a esfera sociocultural como algo que existe, bem como a imaginação simbólica, porém transcender a esta visão, perceber que existe uma ponte entre a história passada do negro e a construção de uma nova história ressignificada no presente. “Ser negro, não está associado essencialmente a aspectos fenotípicos, mas, sobretudo, a um processo de tornar-se negro” (Weller, 2004, p. 109).

Vimos também que algumas letras quando analisadas como um todo ou nas particularidades de

algumas estrofes, retratam que a realidade do negro no Brasil geralmente é difícil (de luta, pobreza e segregação).

Com garra, provei para o mundo que posso vencer e o seu preconceito e recalque só me faz crescer. Cansei de ser discriminado só por ser da cor (Samba 01).

Você que chorava lá no gueto, ninguém te viu, sem fantasiar, realidade dói. Segregação e menosprezo é o que destrói a maioria esquecida no barraco. Que ainda é algemado, extorquido e assassinado (Rap 03).

Eu recebi seu tic, quer dizer kait, de esgoto a céu aberto e parede madeirite (Rap 02).

Nesta realidade dura, sofrida, exposta nos trechos acima, identificamos que são histórias individuais, muitas vezes experiências difíceis vivenciadas na família do negro, porém quando socializadas, cantadas, seja como samba ou como rap, o sentimento de pertencer a um grupo é propagado, o que sugere que essas experiências individuais são vividas por outros jovens do mesmo meio social. É neste sentido que “a letra de um rap não é apenas a história de um indivíduo, mas a história de muitos outros jovens que estão ouvindo e cantando uma música juntamente com o grupo” (Weller, 2004, p. 107).

É possível apontar que além do preconceito expresso e da vida difícil, há um claro protesto

manifesto contra atitudes de segregação expressando o direito por igualdade de todas as etnias.

A raiz do meu país era multirracial, tinha índio, branco, amarelo, preto. Nascermos da mistura, então por que o preconceito? [...] O racismo é burrice, mas o mais burro não é o racista. É o que pensa que o racismo não existe (Rap 01).

Que nós lutamos e mostramos que não é sacrifício, talvez difícil seja, mas não é impossível. Ajude a levantar e a mudar nosso nível, não por embalo, mas sim por consciência. É que sabemos que o racismo já se torna uma tendência, isso não é implicância, não é. [...] É um direito que nós temos de viver em paz. Se valorize, sendo negro ou branco somos iguais (Rap 04).

Lima (2004) aponta que os negros brasileiros no decorrer da história, aprenderam a lutar contra o preconceito e a discriminação racial, visando romper o abandono e exigindo direitos sociais iguais, como por exemplo, quanto às oportunidades de educação e trabalho. Quando pensamos em luta por direitos iguais, remetemos à exclusão do negro, a qual se refere a sua posição social enfraquecida em nossa sociedade sob a forma de vida alheia da grande parte dos direitos básicos e dos direitos de autonomia. Lembramos que o preconceito resulta de valores negativos da configuração de uma imagem corporal do outro. Isto é, uma desvalorização. Portanto, o preconceito anula e neutraliza o outro como coisa ou como fenômeno.

Quando se vê uma mulher, um índio, um negro, diante de nós, a imagem que se vê é a do preconceito e não a imagem real, de um ser humano. E nos parece que ideias ligadas a essa antecipação da imagem é o que mobiliza a luta por igualdade refletida em muitas das letras de músicas pesquisadas – como as citadas acima – por identificar o negro como ser humano e não primeiramente como negro.

E ainda como traz o Rap 01, pior que o racista é aquele que diz que o racismo e o preconceito não existem. “Nega-se o racismo para que ele seja invisibilizado e, assim, permaneça ativo, embora camuflado e recoberto por uma economia de poder praticamente imperceptível, mas que é muito eficaz” (Kawahala & Vivar Y Soler, 2010, p. 409). Desta maneira, evidenciamos que o caminho da ação, da luta contra o preconceito, é um bom caminho, pois além de buscar seus direitos, ao lutar por direitos iguais, o negro (assim como acontece com as letras das músicas) atinge, contamina novos sujeitos, praticando a solidariedade com seu semelhante.

Estereótipo e estigma

O estereótipo é a ideia desprovida de originalidade, geralmente de cunho preconceituoso e socialmente compartilhado. Os trechos abaixo exemplificam uma

realidade, reflexo dos estereótipos que por vezes são aprendidos por meio dos relacionamentos interpessoais que o sujeito tem no decorrer de sua vida (família, escola, trabalho).

Você aprendeu que preto é ladrão, muitos negros roubam, mas muitos são roubados. E cuidado com esse branco aí parado do seu lado (Rap 01).

*Cê sabe o quanto é comum dizer que preto é ladrão (Rap 05).
Me vê, pobre, preso ou morto, já é cultural [...] Não foi sempre
dito que preto não tem vez? (Rap 02).*

As ideias preconceituosas fazem com que a grande parte da população veja os negros como pobres e/ou ladrões, comumente desconfiando da índole dos mesmos. É preciso compreender a existência e o desenvolvimento da história da identidade negra no Brasil, assim como, perceber a identidade como valores que são concebidos socialmente, e portanto, fundamentais para o entendimento do *ethos* da formação de nossa sociedade (Lima, 2004).

O Rap 01 complementa as ponderações até o momento apresentadas e instiga a reflexão crítica sobre os estereótipos citando o racismo, o preconceito e a discriminação em geral, como uma burrice coletiva e sem explicação. Refere-se à necessidade de uma lavagem cerebral que deve partir da conscientização individual *a priori*, possibilitando assim, a mudança do

discurso pobre e limitado de que o negro não tem vez na nossa sociedade.

Porque o racista na verdade é um tremendo babaca, que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca, e desde sempre não para pra pensar nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar. E de pai pra filho o racismo passa, em forma de piadas que teriam bem mais graça. Se não fossem os retratos da nossa ignorância transmitindo a discriminação desde a infância. E o que as crianças aprendem brincando, é nada mais nada menos do que a estupidez se propagando (Rap 01).

Concordamos com o *rapper* ao citar que o preconceito é propagado de pai para filho desde a infância, e que muitas vezes sob a forma de piadas. No entanto, não há como separar o indivíduo do meio social em que vive, se o preconceito é propagado, por exemplo, de pai para filho, *a priori* o “cabeça fraca” não escolheu pensar assim, trata-se de uma repetição construída na relação – neste quesito discordamos com a letra, pois não se pode individualizar, nem generalizar os sujeitos.

Vale citar que, “a falsa ideologia da ‘raça pura’ nasceu da necessidade política de autoglorificação de certos povos. Um pouco de conhecimento da história biossocial da espécie humana é suficiente para demonstrar que raça pura é um mito” (Azevedo, 1987, p. 29). Este rap e todo seu contexto musical possibilita uma aproximação da realidade que nos rodeia, proporcionado à reflexão crítica sobre o tema.

Nos atenta também que são os negros que constroem o nosso chão, mas têm como retorno a desconfiança e a humilhação.

Outra característica percebida nas letras foi o estigma que é desencadeado por estereótipos socialmente definidos (exemplo, preto fodido), que pode ser compreendido como ferida, marca de sofrimento naquele que é afetado por estas ideias preconceituosas, conforme o trecho abaixo:

O trauma que eu carrego, pra não ser mais um preto fodido [...] Negro drama, cabelo crespo e a pele escura. A ferida a chaga, a procura da cura (Rap 02).

O “trauma” nos remete ao sofrimento causado por ideias preconceituosas, assim como a angústia de tornar-se alguém que transcenda os rótulos sociais mediante o ser negro. Traz também a realidade como um drama, uma enfermidade, levando a ilusão de uma suposta cura. O rap vai além de um gênero musical podendo ser considerado a voz dos excluídos nas comunidades carentes e escondidas; o rap trata-se da dimensão central das vidas desses sujeitos (Hinkel, 2013).

Considerações finais

O preconceito é considerado como uma atitude prévia repleta de valor negativo que se atribui às

características da alteridade. Implica na negação do outro que é diferente e, conseqüentemente na afirmação da própria identidade como superior. Podemos identificar que o preconceito só acontece quando há uma relação social de poder, e no caso do preconceito étnico-racial acontece com a discriminação das características raciais do outro. Esta questão do preconceito étnico-racial se perpetua no Brasil ao longo de décadas, desde a escravidão dos negros circunscrevendo histórias até o momento atual. Sendo assim, nossa sociedade aprendeu algo muito forte, que estigmatiza o negro como inferior, atribuindo juízo de valores negativos para com este grupo étnico.

Nesta pesquisa analisamos letras de rap e samba que retratassem o preconceito étnico-racial. Atentamos que as músicas movimentam o ser humano em sua totalidade “biopsicossocial e espiritual”, evidenciamos que a música provoca no fisiológico determinadas reações, que podem, a partir daí, remeter a estados emocionais intensos, e que cada indivíduo fará uma significação do que ouve de acordo com o contexto social no qual está inserido.

Distinguimos algumas características que as letras retratam, sendo o preconceito manifesto, o protesto, o sofrimento, a realidade vivida – a qual é difícil –, as desigualdades. As letras mostram estereótipos, estigmas, fazem menção a uma falsa liberdade perene

ao negro, assim como exaltam e afirmam este grupo étnico. Acentuamos também que determinadas letras repetem a tendência moral da humanidade de exprimir a força vital da raça, da classe, do gênero, neste caso elevando o negro.

Através da análise foi possível perceber mais semelhanças entre o rap e o samba do que imaginado *a priori*, sendo que ambos os estilos enaltecem a figura do negro, bem como utilizam um discurso de protesto contra o preconceito étnico-racial, discriminação e segregação. Sendo assim, percebemos que as diferenças consistem no que diz respeito ao intuito da canção, na melodia/ritmo e o público que objetiva alcançar.

Outra característica identificada por meio da análise, ao ouvir as canções, foi que as letras de samba, de maneira geral, são curtas e repetitivas lembrando bordões, possuem um ritmo marcante e dançante, uma melodia que desperta no sujeito um envolvimento com o ritmo maior do que pela letra em si. Já as de rap geralmente são longas e sem repetições. Os *rappers* parecem regurgitar sentimentos e realidades cotidianas através de suas letras poéticas e impactantes. Corroborando com este pensamento o *rapper* Gabriel O Pensador cita em sua canção “Linhas tortas” que o amor que tem é o amor da palavra, é falar, cantar e despertar consciências. “O meu texto é simples, sincero,

é tinta que sai da medula, eu chuto as palavras para fora e elas que vem me buscar, num jogo de bola e gandula”. Algumas letras de rap nos despertam angústia, tristeza, “um choque de realidade”, em decorrência da batida melodramática, das rimas e poesias de seu discurso rítmico. Desta forma a atenção é presa nas letras, despertando afetos e reflexões – mais pela letra do que pelo ritmo, o que se diferencia do samba.

Neste sentido, a música independente do seu estilo possibilita à visibilidade, auxilia uma população negra, discriminada, preconizada tanto socialmente quanto singularmente (aos que sentem sua identidade ferida e desvalorizada) a serem vistos, percebidos, ouvidos, sentidos, abrindo assim espaço à construção de novos valores – individuais e coletivos.

Atentamos que muitas vezes a música torna-se uma estratégia de protesto, para mostrar que o negro existe e que sua vida não é igualmente digna como a dos brancos, mas que eles encaram-na. Sendo assim, a música atinge, comunica, expressa o real, busca retratar a realidade nua e crua.

Em nosso entender, o cenário de pesquisas com a temática do preconceito étnico-racial urge por maior ênfase investigativa sobre a questão do preconceito e do racismo, principalmente no âmbito da psicologia social brasileira. De fato, as letras de rap e samba que operam sobre a temática do preconceito étnico-racial,

nos possibilitou enxergar a racionalização do negro (o outro diferente) como derivado de construções preconceituosas e violentas das diferenças.

Além disto, determinadas letras visam um discurso pacificador, proporcionando a criação ou recriação dos elos entre os diferentes na sociedade, permitindo-lhes desse modo ir além das reproduções que fundam os relacionamentos sociais; compreendendo a heterogeneidade dos contextos, considerando as diferenças raciais ou étnicas; rompendo com as situações de exclusão e desigualdade; incitando políticas públicas de inserção daqueles que atualmente se

encontram numa posição estrutural enfraquecida no âmbito da sociedade; e principalmente constituindo um espaço de troca de experiências; de afetos, de vivências e de elaboração de estratégias de enfrentamento do racismo e do preconceito com o negro no Brasil.

Sem mais delongas, percebemos que o preconceito se perpetua em nossa sociedade no momento em que identificamos o ser negro (o loiro, índio, o pobre), através do rótulo, da segregação e dos estereótipos socialmente estabelecidos e reproduzidos. Por vezes, tais reproduções nos impossibilitam de ver alguns sujeitos como humanos.

Referências

- ARAGÃO, J. (1999). *Preto, Cor Preta*. Intérprete: J. A. In: Tocando o Samba. Rio de Janeiro, Indie Records, 12 CD, faixa 4. Disponível em: <http://jorgearagao.com/discografia>. Acesso em: 05 de jun. 2015.
- AZEVEDO, E. (1987). *Raça, conceito e preconceito*. São Paulo: Ática S.A.
- BAKHTIN, M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem* (9a ed.) São Paulo: Hucitec, 196 p.
- BANDEIRA, L. & BATISTA, A. S. (2002). Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Rev. estudos feministas*, 119-141. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>. Acesso em: 20 de Out de 2014.
- BATISTA, W. (1989). *Preconceito/ Louco* (Ela é o seu mundo). Intérprete: E. S. In: Aquarela do Brasil 2. Rio de Janeiro, Som livre, 2 CD, faixa B4. Disponível em: <http://www.discogs.com/Emilio-Santiago-Aquarela-Brasileira-2/release/2464896>. Acesso em: 05 de jun. 2015.
- BILL, M. (2002). *Só Deus Pode Me Julgar*. Intérprete: M. B. In: Declaração de guerra. Rio de Janeiro, Natasha Records/BMG, 2 CD, faixa03. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mv-bill/so-deus-pode-me-julgar.html>. Acesso em: 05 de jun. 2015.
- BROWN, M. (2002). *Negro Drama*. Intérprete: Racionais Mc's. In: Nada como um dia após o outro (chora agora). São Paulo, Cosa Nostra, 7 CD, faixa 5. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/negro-drama.html>. Acesso em: 05 de jun. 2015.
- CAMBRIA, V. (2006). A fala que faz: Música e identidade negra no bloco afro Dilazenze (Ilhéus, Bahia). *Revista Antropológicas*, 17 (1), 81-102.
- COELHO, W. N. B. & COELHO, M. C. (2013). Música, raça e preconceito no ensino fundamental: notas iniciais sobre hierarquia da cor entre adolescentes. *Afro-Ásia*, (48), 311-333. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0002-05912013000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 jun. 2014.
- EMICIDA. (2010). *Cê lá faz ideia*. Intérprete: Emicida. In: Emicídio. São Paulo, Laboratório Fantasma, 5 CD, faixa 2. Disponível em: <http://www.emicida.com/musicografia/emicidio/faixa/ce-la-faz-ideia>. Acesso em: 05 de jun. 2015.
- FERNANDES, S. & COSTA, J. D. & CAMINO, L. & MENDOZA, R. (2007) Valores psicossociais e orientação à dominância social. Um estudo acerca do preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 490-498. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a17v20n3.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2014.
- FORTE, N. R. (1996). *Negro de verdade*. Intérprete: B. S. In: Coleção Bambas do Samba – Meu Samba é Duro na Queda. Rio de Janeiro, RGE, 8 CD, faixa 05. Disponível em: <http://www.sambaderaiz.net/meu-samba-e-duro-na-queda-bezerra-da-silva/>. Acesso em: 05 de jun. 2015.

- GOFFMAN, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*.
- GUIMARÃES, M. E. A. (2004). *Do samba ao rap: A música negra no Brasil*. (Tese de doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil. Disponível em: <file:///C:/Documents and Settings/1827278/Meus documentos/Downloads/GuimaraesMariaEduardaAraujo.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2014.
- HINKEL, J. (2013). *Música(s), sujeito(s) e cidade(s)... diálogos: o rap em Blumenau*. (Tese de doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- KAWAHALA, E & VIVAR Y SOLER, R. D. (2010) Por uma psicologia social antirracista: contruições de Frantz Fanon. *Psicologia & Sociedade*, 2 (22), 408-410.
- LIMA, I. C. (2004). *Uma proposta pedagógica do movimento negro no Brasil: pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86988/207675.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 mar. 2015.
- LIMA, M. E. O & VALA, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*. 9(3), 401-411. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Acesso em 23 de ago de 2014.
- MACHADO, C. P. (2007). A designação da palavra preconceito em dicionários atuais. *Programa de pós-graduação em linguística da UNICAMP*, 198-215.
- MAHEIRIE, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 147-153. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000200016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 08 mar. 2015.
- MORAES, J. G. V. (2000). História e música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História*, 20(39), 203-221. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882000000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 abr. 2015.
- NEGO, Mc. (1993). *Côr: Intérprete: Facção Central*. In: Movimento RAP vol II. São Paulo, Sky Blue Music, 1 CD, faixa 1. Disponível em: <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/facciao-central/a-cor/1496332>. Acesso em: 05 de jun. 2015.
- OLIVEIRA, F. (2004). Ser negro no Brasil: alcances e limites. *Estudos Avançados*, 18(50), 57-60.
- O PENSADOR, G. (2003). *Racismo é burrice. Intérprete: Gabriel, O Pensador*. In: *Ao vivo MTV. Rio de Janeiro, Sony Music, 6 CD, faixa 4*. Disponível em: <http://www.radio.uol.com.br/#/album/gabriel-o-pensador/mtv-ao-vivo-gabriel-o-pensador/96702>. Acesso em: 05 de jun. 2015.

RODRIGUES, F. S. (2005). *O funk enquanto narrativa: uma crônica do cotidiano*. Tese de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

SILVA, J. C. G. (2012). Rap, a trilha sonora do gueto: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia. In: colóquio culturas jovens afro-brasil américas: encontros e desencontros, 1, 1-19, Guarulhos, SP, Brasil. Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11840.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2014.

SILVA, N. C. P. (2009). Questão Social e Questão Racial no Brasil: a visão de Octávio Ianni. *Revista em Pauta*, 6 (23), 191-202.

SILVA, S. G. (2003). Preconceito no Brasil contemporâneo: As pequenas diferenças na constituição das subjetividades. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2(23), 2-5. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n2/v23n2a02.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

VICTORA, C; KNAUTH, D. HASSEN, M. N. (2000). *Metodologias qualitativa e quantitativa*. In: Pesquisa qualitativa em saúde. Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo editorial, p. 32-44.

WELLER, W. (2004). O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. *Caderno CRH*, 17 (40), 103-116.